



MEMÓRIAS DE LENDAS POR VOZES FEMININAS¹

Taiza Mara Rauen Moraes²
Gabriela Cristina Carvalho³

Lendas, histórias, contos de fadas, fantasia, causos. É no lugar da memória que imaginação e realidade, esquecimento e conhecimento se fundem ou se confundem entre as tarefas diárias e a poesia nossa de cada dia. Este trabalho relata resultados de uma pesquisa com mulheres joinvilenses⁴ com mais de cinquenta anos, sobre o patrimônio imaterial - resgate de histórias e lendas urbanas vinculado ao projeto *Memórias da cidade... Diferentes olhares para o patrimônio cultural de Joinville*.

Ao analisarmos as relações entre gênero e memória, construídas pelo discurso, percebemos a importância cultural das manifestações artísticas na construção da identidade joinvilense provinda de heranças culturais. Resgatar histórias e lendas urbanas sob a ótica feminina significa atribuir às vozes dessas mulheres um reconhecimento de que a memória pode ser individual ou coletiva e de que a autoria se constitui na relação com o coletivo. Halbwachs⁵ confere à memória coletiva, um valor espontâneo e seletivo, por recuperar do passado apenas o que é útil visando estabelecer um elo com presente, pulverizando-o em múltiplas narrativas que tecem vínculos com a tradição.

A função do autor é, conforme Foucault⁶, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. A autoria não está situada na ficção da obra, mas sim na sua ruptura, na formação de grupos discursivos que refletem seu modo de ser singular.

Bakhtin⁷, admite que a palavra não pertence ao falante unicamente, pois a comunicação se instaura com o olhar do outro: “Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do meu mundo exterior (...) tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros”.

¹ Pesquisa desenvolvida no Projeto Memórias da cidade...diferentes olhares para o patrimônio cultural de Joinville - MEMO 2 – Fundo de Apoio à Pesquisa- UNIVILLE- SC- 2008- coordenado Dra. Janine Gomes da Silva.

² UNIVILLE.

³ UFSC.

⁴ Os resultados aqui relatados foram coletados por entrevistas com mulheres joinvilenses com mais de cinquenta anos. Para realização das entrevistas foi seguida a Metodologia de História Oral. As entrevistas foram gravadas e transcritas e se encontram arquivadas no Laboratório de História Oral da Univille.

⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

⁶ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Vega: Passagens, 1992.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 378



Portanto, chamar atenção para a preservação do patrimônio intangível, significa mostrar que os modos de pensar e construir narrativas reiteram modos de viver e fazer, reconstruir identidades e reivindicar o direito ao reconhecimento.

As vozes das mulheres entrevistadas desvelaram histórias determinadoras de suas percepções de mundo. Terezinha da Silva Rosa, 60 anos, uma das entrevistadas, recuperou discursivamente narrativas de terror que tecem fios entre seres mágicos e seres humanos, lugares e acontecimentos descrevendo-os como ocorreram, num reencontro com o vivido, assim a realidade se constitui *na e pela* memória:

Ouvia muitas histórias, todas as noites, nós nos reuníamos em volta da mesa, quando não estava o João Grilo, que era um primo da minha mãe, era o seu Isaiás, que era um camarada que trabalhava com o meu pai, então eles contavam histórias de Boi-tatá, de lobisomem, de bruxa, do Pedro Malazarte, mas tem histórias que eu lembro, tem histórias que eu não lembro muito, não é. Então eu lembro de bruxa, então a gente passava muito medo, porque a gente ficava de noite, a luz, às vezes era de vela, de lampião, não tinha luz elétrica, então a gente jantava mais cedo, e depois da janta a gente ficava conversando, a minha tia, eu também tinha uma tia, a tia Lavínia que contava história de bruxa, aí nós ficávamos bem quietinhas e ela dizia: “Olha a bruxa, não é, tem mulher que vira bruxa e tem homem que vira lobisomem, então as mulheres que viram bruxas de noite elas viram borboletas e vêm e entram pela fechadura e vêm chupar o pescoço da gente, não é, principalmente das crianças e depois elas saem. Um dia, uma pessoa viu a bruxa sair e foi, quando ela tava saindo pela fechadura ele deu uma paulada na bruxa e a bruxa caiu do lado de fora e ela virou gente, por que a bruxa era assim: se desse uma paulada nela, se alguém a visse ela voltava a ser gente”.⁸

O sentimento de medo transmitidos na história de bruxa se preserva e se preservará por intermédio de narrativas que perpetuam, de modo mágico, fenômenos que, se explicados pela ciência, perderiam sua força moralizadora. Chamar atenção para a preservação das lendas circulantes, em uma cidade, significa também, buscar compreender como são construídas estratégias de sobrevivência e inventividade e como as transformações do meio social e cultural provocam (re)significações sobre o tempo e o espaço.

Ele [seu Isaiás] era vizinho, ele morava perto da nossa casa, ele vinha de noite, jantava com a gente, depois ele sentava numa cadeira, nós sentávamos em volta, nós éramos em sete irmãos, e ele ficava contando: “Vocês já ouviram falar do Pedro Malazarte? Sabe o que é que o Pedro Malazarte fazia? Ele trabalhava pro patrão, e o patrão mandava ele cuidar dos porcos, aí ele ficava lá na roça, lá no banhado, aí um dia ela tava lá, aborrecido, ganhava pouco, resolveu vender os porcos, passou

⁸ ROSA, Terezinha da Silva. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.



um viajante e ele vendeu os porcos, mas vendeu os porcos e cortou tudo a colinha dos porcos e aí ele colocou tudo a colinha dos porcos, enterrou tudo na lama, aí foi lá pro patrão dele: Ó patrão, ah aconteceu uma desgraça lá no banhado! Os porcos correram pro banhado e se enterraram tudo na lama! Quer ver, patrão? Vamos lá ver? Ó, só tem as colinhas, só sobrou a colinha, os porcos se enterraram tudo na lama. Aí, ele saiu com o dinheiro e, pois é não é, agora não posso te pagar mais não é, por que os porcos correram pra lama. E ele foi embora”. É uma das histórias do Pedro Malazarte, ai, não sei se tem mais alguma... do Boi-tatá... o Boi-tatá era no meio do campo... aparecia uma luz, então a gente às vezes saía de noite, ia numa venda ou na casa de alguém e via aquela luz correr no meio do campo e as pessoas diziam que era o Boi-tatá.(...) Durante o dia a gente não vê a luz, mesmo que tenha fogo, a chama não aparece. E hoje dizem que o Boi-tatá, cientificamente, o que é, aquela luz é porque a terra é fértil, então a fertilidade representa em forma de luz, a queima do oxigênio por causa da fertilidade do solo, hoje eles explicam assim, não é!?⁹

A tradição oral em relatar histórias, lendas, causos e contos populares promove o reencontro com o tempo perdido. A memória está inscrita nos espaços, nos objetos, nas paisagens, nos odores, em múltiplos lugares e recupera-la é associar-se ao coletivo e ao cultural.

E outra coisa, no mês de agosto nós não lavávamos a cabeça porque ficava louca, no carnaval, na quaresma não podia dançar nem dar banho nos outros, porque a gente brincava de entrudo. Entrudo era pegar um balde e correr atrás das pessoas e molhar as pessoas, então as pessoas se escondiam atrás de uma árvore com um balde d'água, atrás das casas, no carnaval era assim, se brincava assim, ai quando ia passando alguém, jogava um balde d'água! (...) A minha tia, às vezes tava lavando a louça, dentro de casa, o meu tio entrava, pegava um balde d'água e jogava água nela! Só se via gente correndo com balde d'água de um lado pra outro! Aí depois, quando entrava na quaresma, quem jogava água e quem dançava, o povo dizia que criava rabo e não podia chamar nome feio, não podia fazer pecado na quaresma! Criava rabo! (risos).¹⁰

As heranças culturais presentes na tradição oral constroem o imaginário popular. De acordo com Lynn Mario¹¹, Bhabha, ao tratar de tradução cultural, afirma que cultura não é uma totalidade, nunca está estática, é sempre híbrida, aberta e está sempre em transformação. Toda cultura é tradutória, exige re-significação dos símbolos culturais em signos.

A mãe contava algumas histórias, quando era inverno, nós sentávamos perto do fogão à lenha e ela ficava contando histórias. Ela sempre contava uma história que tinha três meninas assim, (...) se vocês ficarem quietas, vocês vão ganhar um prêmio (risos) e elas todas sentadas perto de uma lareira, pra se esquentar, que era uma noite muito gelada, tava caindo neve lá fora e elas tudo lá perto, lá pra se

⁹ ROSA, Terezinha da Silva. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.

¹⁰ ROSA, Terezinha da Silva. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.

¹¹ SOUZA, Lynn Mario T. Menezes. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA Jr., Benjamin (org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 113-133.



esquentar, numa bagunça então (...) tudo perto e aquela lareira cheia de lenha queimando (...) até que uma hora uma viu que tava caindo um tição de lenha queimando e a outra disse (sussurrando): quieta, a mãe disse que é pra ficar quieta! A outra que estava quieta ficou toda contente, levantou as mãos pro céu e disse: Beata eu, que fiquei quieta! E bateu palmas, no fim nenhuma delas ganhou presente, porque ninguém conseguiu ficar quieta nem cinco minutos, aí perderam o presente, todas elas! (risos). Pra elas era muito difícil porque elas sempre gostaram de fazer bagunça, de ficar falando e falando o tempo inteiro, não conseguiram ficar nem cinco minutos quietas.(...) E, era contada em italiano, daí pra traduzir em português já fica diferente, não é!? Não dá de traduzir ao pé da letra tudo, assim, como o significado que fica em italiano já é diferente... É que em casa nós sempre falávamos em italiano. (...) É que veio uma lei, é foi numa época de uma guerra, que ninguém podia falar outra língua a não ser o português, porque achavam que eram refugiados da Itália e da Alemanha, então tinha que falar tudo em português, mas mesmo assim, nós não conseguíamos falar em português, só sabia falar em italiano. Quando nós íamos pra aula era difícil entender o que a professora explicava porque (...) alguém escutando assim nós falando em italiano, ficava tudo falando baixinho (risos).¹²

Na tradição oral, a tradução cultural é percebida nas adaptações que o falante faz, para re-significar em uma outra língua. Essa situação foi evidenciada na fala de duas entrevistadas, Celina Panini Arndt, 55 anos, de origem italiana, e Christa Carmen Radun Oter, 75 anos, de origem alemã. Ambas faziam uso, quando crianças, da língua materna e a proibição da língua alemã e da língua italiana, no período nacionalista de Getúlio Vargas e da Segunda Guerra Mundial, que decorreu na imposição do uso da língua portuguesa, situação vivida geradora de lembranças individuais reconstruídas a partir do social:

É que minha avó era alemã, mesmo, não é, então ela veio da Europa já tinha treze anos, apesar de ser gente muito simples, porque ela trabalhava de empregada aqui em Santa Catarina, primeiro pra Blumenau, pra Curitiba também ela morou um tempo, aí ela contava sempre as historinhas, gostava muito de cantar as historinhas...(...) Ela cantava muitas músicas européias, não é, da Alemanha, assim, tudo... ela gostava de cantar. Cantava em alemão... em português não tinha condições pra ela, ela se comunicava bem em português, mas não, assim, cantos essas coisas, já não se interessava tanto também (...) também me davam livros e tudo mais, pra eu mesma ler essas histórias (dos Irmãos Grimm), todas eu tinha (risos) aprendi a ler em alemão, depois, aí chegou justamente a época da guerra, aí então o alemão era proibido... (...) Ah... tinha a Branca de Neve, não é, como sempre, a Chapeuzinho Vermelho, a Chapeuzinho Vermelho eu gostava, que a minha avó contava em alemão não é, mas daí a gente lia em português, aí já ia pra escola e tal, daí já começava a ler... (...) Ah, também, era a... a madrasta que virava bruxa, queria matar a Branca de Neve, contratou um caçador também, sempre tinha um caçador, aí o caçador salvou ela, levou um coração de um bicho lá para a mulher, tinha os anõezinhos, ela ficou lá na casa deles, eles se apaixonaram por ela (risos) (...) aí ela comeu da bendita maçã envenenada, morreu e ressuscitou,

¹² ARNDT, Celina Panini. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.



também (risos) com o beijo do príncipe. Ela também não engoliu a maçã, ficou com a maçã na boca!¹³

Essas reconstruções falam de um tempo presente que estabelece limites para as lembranças, gerando novas formas, mas também recuperando o passado. “O silêncio, diferente do esquecimento, pode revelar tensões e contradições que tendem a esconder feridas, o que pode ser lido como uma resistência das pessoas – da sociedade civil – ao discurso oficial”¹⁴ A memória se presentifica nos discursos, naquilo que cada um interiorizou para si, naquilo que selecionou e que lhe tem significado.

As lendas, contos de fadas, causos recuperados por essas vozes de mulheres joinvilenses, com mais de cinquenta anos de idade, indiciam que a memória cultural e literária da tradição oral está associada às memórias e às lembranças das mulheres, que mantêm papéis sociais vinculados à família e que estas memórias estão fortemente imbricadas às tradições culturais, narrativas que envolvem forças mágicas que intimidam as mulheres na busca de novos espaços.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAVERI, Marlene de. **Questões para estudos de história, memória e gênero**. In: Revista Alcance, n. 6, ano VIII. Itajaí: Editora da UNIVALI, nov. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Vega: Passagens, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- SOUZA, Lynn Mario T. Menezes. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA Jr., Benjamin (org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

Entrevistas

¹³ OTER, Christa Carmen Radun. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Taiza Mara Rauem Moraes e Gabriela Cristina Carvalho.

¹⁴ FAVERI, Marlene de. **Questões para estudos de história, memória e gênero**. In: Revista Alcance, n. 6, ano VIII. Itajaí: Editora da UNIVALI, nov. 2001, p. 69



ARNDT, Celina Panini. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.

OTER, Christa Carmen Radun. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Taiza Mara Rauen Moraes e Gabriela Cristina Carvalho.

ROSA, Terezinha da Silva. Joinville: Laboratório de História Oral da UNIVILLE, 2008. 1 cassete son. : estéreo. Entrevista concedida a Gabriela Cristina Carvalho.